

Sociologia da infância: aproximações entre Willian Corsaro e Florestan Fernandes

Sandro Vinicius Sales dos Santos*

*Sociology of childhood: approach
between Willian Corsaro and
Florestan Fernandes*

*Mestre em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais. Educador Infantil da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte. Professor formador do Teia/FAE/UFMG.

RESUMO: O presente ensaio objetiva uma aproximação entre o estudo sobre folclore infantil realizado por Florestan Fernandes na década de 1940 com o campo de estudos contemporâneos da sociologia da infância (em especial com a teoria da reprodução interpretativa de Willian Corsaro). Para tanto, a escrita do texto busca responder às seguintes questões: quais as bases epistemológicas e os pressupostos teórico-metodológicos dos autores? Qual a concepção de criança presente na obra de ambos? Como os estudos desses dois autores auxiliam na compreensão das infâncias contemporâneas? Neste ensaio, não se pretende classificar e hierarquizar os autores e suas respectivas obras nem diminuir sua importância. O que se busca, com o desenrolar desse texto, é uma interlocução entre as obras desses dois sociólogos no intuito de contribuir para a consolidação do campo dos estudos sociológicos da infância no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Sociologia da infância; Crianças; Infância.

ABSTRACT: *This essay intends a connection between the study of children's folklore performed by Florestan Fernandes in the 1940s with the field of contemporary sociology of childhood (in particular the theory of interpretive reproduction of William Corsaro). To do so, this text seeks to answer the following questions: what are the epistemological foundations and theoretical and methodological assumptions of the authors? What conception of child present in the work of both? As studies of these two authors assist in understanding contemporary childhoods? In this essay, it is not intended to classify and prioritize the authors and their works or diminish its importance. What is sought, is a dialogue between the works of these two sociologists in order to contribute to the consolidation of the field of sociological studies of childhood in Brazil.*

KEYWORDS: *Sociology of childhood; Children; Childhood.*

INTRODUÇÃO

Recentemente, Martins Filho (2011) apresentou um considerável balanço das pesquisas com crianças realizadas no período compreendido entre 1999 e 2009 no Grupo Temático: Educação da criança de zero a seis anos, da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – a ANPED. Dos 193 trabalhos analisados, 38 foram considerados pesquisas com crianças e, dentre estas, 47% (cerca de 21 trabalhos) apresentam aporte teórico metodológico da sociologia da infância, sendo consideradas pesquisas com crianças.

Percebe-se também, nesta pesquisa, uma evolução ascendente dos estudos com crianças, que pode ser associado a, no mínimo, três fatores: primeiro, do ponto de vista da política pública, a inserção da educação infantil como primeira etapa da educação básica possibilitou e possibilita uma melhor compreensão do que as crianças fazem em contextos educacionais organizados por pessoas diferentes dos adultos do meio familiar e com intencionalidade educativa (FARIA, 2006); em segundo lugar, esse aumento se dá em função de transformações no plano acadêmico-científico, fato que se deve a um aumento significativo de estudos na área da sociologia da infância – fenômeno esse também visível em muitos outros países do mundo (SARMENTO, 2005); e o terceiro fator relaciona-se às instituições de educação infantil como espaço privilegiado de socialização para as crianças da contemporaneidade que possibilitam, cada vez mais, a ocorrência de relações intra e intergeracionais (BARBOSA, 2009).

Para Martins Filho (2011), a maioria dos estudos apresentados são na realidade estudos orientados pela corrente interpretativa dentro do campo da sociologia da infância. Nos dizeres de Sarmiento (2008, p. 31) tais estudos consideram que

[...] as crianças integram uma categoria social, a infância, mas constroem processos de subjetivação no quadro da construção simbólica dos seus mundos de vida, estabelecendo com os adultos interações que as levam a reproduzir as culturas sociais e a recriá-las nas interações de pares.

Sarmiento (2008) ainda enfatiza que, nessa corrente, o conceito central é o de “Reprodução Interpretativa”, de autoria de Willian Corsaro (1997)¹, que

remete à “[...] capacidade de interpretação e transformação que as crianças têm da herança cultural transmitida pelos adultos” (SARMENTO, 2008, p. 31).

Entretanto, alguns autores² (QUINTEIRO, 2002; CARVALHO; MÜLLER; SAMPAIO, 2009; FARIA, 2009; ARENHART, 2010; MARTINS FILHO 2011; dentre outros(as)) têm apontado que a gênese da sociologia da infância no Brasil decorre do estudo pioneiro de Florestan Fernandes (2004), realizado na década de 1940 e somente publicado na década de 1960. Ao analisar a obra de Florestan Fernandes – “As Trocinhas do Bom Retiro” – percebe-se grande proximidade entre seus postulados e os pressupostos teóricos da sociologia da infância e, mais especificamente os de Willian Corsaro; idealizador do conceito de reprodução interpretativa que, conforme salientado anteriormente por Sarmento (2008), é entendido como o conceito central dos estudos interpretativos. Por isso, urge a necessidade de se problematizar: quais as diferenças e similitudes entre as obras de Florestan Fernandes e Willian Corsaro?

Este texto, por sua natureza ensaística, visa, para além de aludir algumas similitudes e diferenças entre as teorias dos dois autores, compreender em que medida as obras de Florestan Fernandes e de Willian Corsaro dialogam no que concerne aos estudos das crianças. Para tanto, busca responder às seguintes questões: quais são as bases epistemológicas e quais são os pressupostos teórico-metodológicos dos autores? Qual a concepção de criança presente na obra de ambos? Como os conceitos por eles cunhados nos auxiliam na compreensão das infâncias contemporâneas?

O texto está dividido em cinco partes. Na primeira parte, apresenta-se um panorama geral do campo da sociologia da infância. A seguir, realiza-se uma breve revisão dos conceitos de cultura de pares e reprodução interpretativa de autoria de Willian Corsaro, uma vez que esses conceitos são apontados como os mais utilizados nos estudos interpretativos da infância na contemporaneidade. Logo em seguida, apresenta-se uma concisa exposição do conceito de cultura da infância de Florestan Fernandes. Na quarta parte, busca-se construir uma análise da proximidade e dos distanciamentos entre os pressupostos teórico-metodológicos dos autores, bem como a possibilidade de realização de seus estudos. Por último, são apresentadas considerações acerca da potencialidade de ambos para os estudos das formas de vida das crianças na contemporaneidade. Neste ensaio, não se pretende classificar e hierarquizar

os autores e suas respectivas obras nem diminuir sua importância. O que se busca, com o desenrolar desse texto, é uma interlocução entre as obras desses dois sociólogos no intuito de contribuir para a consolidação do campo dos estudos sociológicos da infância no Brasil.

SOCIOLOGIA DA INFÂNCIA: UMA VISÃO PANORÂMICA

Embora exista uma preocupação no campo das ciências sociais em se considerar a infância como construto social desde o trabalho de Ariès (1981) – que analisa o surgimento do sentimento de infância na transição da Idade Média para a Modernidade, é a partir da década de 1990, na visão de Sarmento (2005, p. 362), que se discutem a criança e a infância na sociologia europeia:

A constituição e legitimação do campo científico da sociologia da infância está em curso em todo o mundo, desde há pouco mais de uma década. [...] A constituição do campo concretiza-se na definição de um conjunto de objectos sociológicos específicos (no caso vertente, a infância e a criança como actor social pleno), um conjunto de constructos teóricos de referência e um conjunto de investigadores implicados no desenvolvimento empírico e teórico do conhecimento.

Sirota (2001 p. 13) evidencia que as origens disciplinares dos pesquisadores contemporâneos que se ocupam em analisar a criança são diversas: vão da “antropologia médica, por exemplo, (Prout), economia (Qvortrup), sociologia da educação (Alanen), estudos feministas (Oakley), folclorista (os Opie) etc., o que explica em parte a maior variedade temática”.

Nesse sentido, os estudos sociológicos da infância buscam dar visibilidade à criança e à infância no âmbito social, refutando, para tanto, as visões biologicistas e ou desenvolvimentistas que concebem a infância como *devir* (período transitório e de maturação para a vida adulta) e a criança como sujeito social sem historicidade e cultura própria, concedendo à infância o status de categoria social do tipo geracional e a criança como sujeito social de plenos direitos (SARMENTO; PINTO, 1997; SARMENTO, 2005). Da mesma maneira que Sarmento (2005), Sirotta (2001, p. 11) considera que

Trata-se de romper a cegueira das ciências sociais para acabar com o paradoxo da ausência das crianças na análise científica da dinâmica

social com relação a seu ressurgimento nas práticas consumidoras e no imaginário social. Decorre daí a proposta de Javeau de trabalhar para o conhecimento da infância como um grupo social em si, como “um povo” com traços específicos. Assim se retoma a proposição de Mauss de considerar a infância como um meio social para a criança, desse modo, articulando essa abordagem à sociologia geral. Trata-se, no âmbito dessas contribuições, de tomar com seriedade esse ator social que é a criança, interrogando-se sobre os quadros teóricos disponíveis ou necessários.

A emergência da criança e da infância nas análises sociológicas francesas vai eclodir a partir das análises de pesquisas dos *dispositivos* institucionais que dela se ocupam (como a família, a escola, a justiça, etc.) (MONTANDON, 2001; SIROTA, 2001; QUINTEIRO, 2002). Neste sentido, refuta-se, a partir de uma leitura crítica, o conceito de socialização durkheiminiano essencialmente funcionalista. Tal corrente de pensamento sociológico considera a socialização como um “[...] processo de assimilação dos indivíduos aos grupos sociais” (MOLLO-BOUVIER, 2005, p. 392). Assim, ao refutar o conceito de socialização de caráter funcionalista, a Sociologia da Infância francesa considera a criança como ator social, e, portanto, objeto de análise sociológica.

Sarmento (2008) entende que, acrescido à revisão do conceito de socialização, os estudos da infância ganham maior notoriedade nos tempos contemporâneos, devido ao fato de a sociologia, progressivamente, se voltar para as dimensões sociais do espaço privado e da individualização. Para o autor, “[...] a reentrada do privado e do subjetivo no domínio do que é socialmente focalizado não deixa de trazer importantes consequências para a definição da pertinência analítica da Sociologia da Infância” (p. 21).

Montandon (2001) que, ao redigir artigo que sintetiza o balanço dos trabalhos que se ocupam de uma sociologia da infância em língua inglesa, surpreende-se com suas constatações: de um lado percebe a predominância do empírico nas pesquisas que tratam das crianças; do outro, uma grande variedade de questões nelas exploradas. Em relação a este último grupo de pesquisas a autora assim as categoriza: relações intergeracionais, crianças enquanto grupo etário e, o exame de dispositivos institucionais dirigidos às crianças.

Quinteiro (2002) aponta que em ambos os casos – tanto na literatura inglesa quanto francesa – os primeiros subsídios de uma sociologia da infância

contrapõem-se a noção de criança como “[...] um simples objeto passivo de uma socialização orientada por instituições ou agentes sociais” (p. 139). Nos dizeres da autora:

A questão central dos textos analisados por estas duas pesquisadoras aponta para a *construção social da infância* como um novo paradigma, com ênfase na necessidade de se elaborar a reconstrução deste conceito marcado por uma visão ocidental e adultocêntrica de criança. É importante destacar que a crítica fundamental diz respeito à visão de criança considerada como tábula rasa a qual os adultos imprimem a sua cultura.

Evidencia-se, portanto, que a sociologia da infância nasce efetivamente a partir dos estudos sobre socialização da criança e, de certo modo, refutando o conceito de socialização como imposição adulta à criança e esta, como mera receptora passiva da cultura adulta, que se torna ainda mais evidente nas palavras de Sarmiento (2005, p. 374), que postula que “[...] a desconstrução do conceito de ‘socialização’ é inerente à emancipação da infância como objecto teórico e à interpretação das crianças como seres sociais plenos, dotados de capacidade de acção e culturalmente criativos”.

WILLIAN CORSARO: REPRODUÇÃO INTERPRETATIVA E CULTURA DE PARES

William Arnold Corsaro é professor titular da Faculdade de Sociologia, Universidade de Indiana, Bloomington, nos Estados Unidos. Possui bacharelado em sociologia pela Universidade de Indiana, título conquistado em 1970, e doutorado pela Universidade da Carolina do Norte, obtido em 1974. Segundo Müller (2007, p. 271), entre os principais temas de investigação de William Corsaro estão: “[...] a sociologia da infância, as culturas de pares, as relações entre adultos e crianças e entre crianças, os métodos etnográficos e o processo de socialização”. Em uma trajetória de mais de 30 anos, o autor vem realizando seus estudos focalizando as culturas de pares e a educação inicial das crianças com atenção especial à educação infantil na Itália e nos Estados Unidos.

Com base em seus estudos envolvendo crianças dos estadunidenses e italianas, Willian Corsaro afirma que as evoluções recentes do campo

da sociologia da infância, conduziram-no a desenvolver uma abordagem interpretativa da socialização infantil. Nessa abordagem, a ação social das crianças é compreendida como uma atuação mais interativa do que passiva ou meramente reprodutiva. O autor a denomina de reprodução interpretativa (CORSARO, 2002; 2009; 2011). Nas palavras do autor,

O termo interpretativa captura os aspectos inovadores da participação das crianças na sociedade, indicando o fato de que as crianças criam e participam de suas culturas de pares singulares por meio da apropriação de informações do mundo adulto de forma a atender aos seus interesses próprios enquanto crianças. O termo reprodução significa que as crianças não apenas internalizam a cultura, mas contribuem ativamente para a produção e a mudança social.

Nessa perspectiva, as crianças são consideradas seres sociais imersos, desde cedo, em uma rede social já estabelecida e, por meio do desenvolvimento da comunicação e da linguagem – o que possibilita uma maior interação com os outros – constroem seus mundos sociais. Associando isto ao alargamento de seu contexto de interações sociais³, ampliam suas possibilidades de assimilar o mundo que as rodeia, expandindo, assim, as culturas de pares e reconstruindo a cultura adulta (CORSARO, 2002). Segundo Neves (2010, p. 21), dessa forma as crianças, para além da mera internalização das normas sociais e culturais, contribuem para a manutenção, isto é, para a sua produção e também para sua transformação:

As crianças, em suas interações com outras crianças e em particular com os adultos, buscam interpretar a cultura da qual fazem parte. Como salientado, as crianças não apenas adquirem os significados do mundo, internalizando valores e normas culturais, mas também contribuem para sua produção e mudança. Integrar-se à cultura, portanto, significa (re) produzi-la e (re)criá-la.

Pedrosa e Santos (2009) fazem uma análise acerca do conceito de reprodução interpretativa de Corsaro (2002; 2011). Para as autoras, o termo reprodução pode ser compreendido de duas maneiras distintas, mas, de certo modo, inter-relacionados. Segundo elas, “ao referir-se à reprodução, Corsaro destaca a importância e o peso das influências culturais no desenvolvimento da criança. Parece que a reprodução, implicaria também em ‘legitimação’, ‘manutenção da ordem cultural’ na brincadeira” (PEDROSA e SANTOS, 2009,

p. 53). E ainda acrescentam que

A reprodução é [*também*⁴] o suporte para a criação. A reprodução interpretativa da cultura possibilita seu desdobramento, ou seja, o surgimento de uma novidade compartilhada pelo grupo. Esta pode surgir com o uso inusitado de um objeto, o enriquecimento de um empreendimento, a especificação ou a transgressão de uma regra, a sincronização de ações, etc. (PEDROSA e SANTOS, 2009, p. 55).

Além do conceito de reprodução interpretativa, outro conceito fundamental na teoria de Corsaro diz respeito à cultura de pares. Para o autor, a cultura de pares configura-se como “[...] um conjunto de atividades ou rotinas, artefatos, valores e preocupações que as crianças produzem e partilham na interação com os seus pares” (CORSAO, 2009, p. 32). Além de Corsaro, muitos outros(as) autores(as) também têm problematizado o conceito. Neves (2010, p. 19), por exemplo, considera que Corsaro partiu da noção de cultura de Clifford Geertz⁵ (2008) como a construção de uma teia de significados. Para ela, Corsaro parte do pressuposto de que

[...] as crianças coletivamente negociam, compartilham e criam cultura com os adultos e umas com as outras no intuito de compreender e se inserir no contexto social do qual fazem parte, ao mesmo tempo em que atendem às curiosidades e demandas do próprio grupo de pares. Assim, a cultura de pares é compreendida como as atividades, rotinas, artefatos, valores e interesses construídos e compartilhados pelo grupo geracional na interação social.

Pretende-se, aqui, esboçar apenas uma breve exposição acerca desses dois conceitos presentes na obra de Willian Corsaro, já que uma visão mais ampliada de toda sua obra dentro da sociologia da infância ultrapassaria a capacidade desse texto. Mesmo assim, depreende-se que ambos os conceitos apresentados por Corsaro se mostram como noções relevantes no estudo do ponto de vista das crianças.

FLORESTAN FERNANDES E AS TROCINHAS DO BOM RETIRO

Florestan Fernandes, sociólogo brasileiro – nascido em 22 de julho de 1920 na cidade de São Paulo e falecido em 10 de agosto de 1995 – ainda

como aluno do curso de Ciências Sociais, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, desenvolve a pedido e sob a orientação do professor Roger Batisde, um estudo sobre o folclore paulistano. Garcia (2001) explica-nos que apesar de ser um trabalho de aproveitamento em seu primeiro ano no curso de graduação, o jovem Florestan vai desenvolvê-lo entre as décadas de 1940 e 1950⁶ “[...] em um conjunto de investigações sobre elementos do folclore paulistano e brasileiro que definem uma abordagem propriamente sociológica para a interpretação dos fenômenos sociais ligados à transmissão de uma tradição cultural” (p. 145). Uma das partes desse estudo se ocupa especificamente do estudo do folclore infantil. Intitulada de as “Trocinhas do Bom Retiro: contribuição ao estudo folclórico e sociológico da cultura e dos grupos infantis”, que, de acordo com Arenhart (2010, p. 33):

[...] se constitui, segundo avaliação do próprio Florestan, como o mais importante trabalho que realizara sobre o folclore e um marco na sua preparação como sociólogo e pesquisador. Tem sua atualidade ainda hoje, sendo bastante difundido entre os estudiosos do folclore, da cultura, do jogo e da infância.

Neste conjunto de textos, o jovem aspirante a sociólogo apresenta o conceito de cultura da infância, entendida como “[...] uma cultura constituída de elementos culturais quase exclusivos dos imaturos e caracterizados por sua natureza lúdica” (FERNANDES, 2004, p. 215). Garcia (2001, p. 150) entende tal conceito cunhado por Florestan como “[...] um sistema parcial de um sistema sociocultural mais geral ao qual o primeiro vincula-se e em relação ao qual se define sua função, isto é, os resultados úteis que produz para a satisfação de necessidades gerais da estrutura social”. O autor explica que se utiliza da expressão cultura infantil como um substituto de folclore infantil na medida em que aquela apresenta maior densidade que esta, ao abarcar complexos sociais que extrapolam o campo do folclore. Segundo Fernandes (2004, p. 214, grifos nossos):

Cultura infantil, aqui, significa, aproximadamente, o mesmo que folclore infantil. A diferença entre “folclore infantil” e “cultura infantil” é pouco sensível. A segunda abrange alguns elementos ou complexos culturais de natureza não-folclórica, como o futebol ou a natação, quanto às atividades lúdicas das “trocinhas” de meninos; e certos trabalhos caseiros (confeção de roupinhas para bonecas, preparação de doces

simples, que as crianças aprendem a fazer com maior rapidez etc.), quanto às “trocinhas” de meninas. A expressão **“cultura infantil” é mais adequada, na medida em que traduz melhor o caráter da subcultura que nos preocupa no momento.**

Nesse sentido, Florestan percebe que o termo folclore infantil não daria conta de abarcar as dimensões sociais das brincadeiras infantis de cunho tradicional, e por isso, esclarece que “[...] por mais que esses dois termos se aproximem em seus significados, o termo cultura infantil é mais abrangente, porque envolve também atividades lúdicas que não são reconhecidas nos termos do folclore, tais como o futebol, natação, brincadeiras de faz de conta, etc.” (ARENHART, 2010, p. 33). Mas do que isso, o jovem graduando percebe que uma análise focada apenas nos aspectos folclóricos das brincadeiras deixaria de considerar a dimensão dos grupos infantis. Conforme sugere Garcia (2001), o autor irá desenvolver uma dupla abordagem analítica, tendo como bases teóricas os estudos dos campos do folclore e da sociologia: “Desse modo, diz Fernandes, o enfoque folclórico e o enfoque sociológico revelam sua complementaridade, o primeiro servindo de subsídio para o segundo de modo que se pode, mesmo, falar na utilização do folclore como um método de trabalho” (GARCIA, 2001, p. 152).

No campo do folclore, as crianças não recebem meramente as informações culturais dos adultos, sendo possível ver a importância dos pares na transmissão dos aspectos folclóricos, uma vez que, no âmbito do folclore, podem ocorrer influências formativas tanto no nível das interações intrageracionais quanto nas interações intergeracionais, conforme salienta o próprio autor:

É certo que várias influências formativas precedem as experiências do imaturo na área do folclore. Mas se considerarmos as situações sociais de vida, que regulam a atualização e a repetição de tais experiências, é inegável também que se podem distinguir dois níveis de influência sociodinâmica do folclore. *Um deles revela-se mediante a interação com outras pessoas, as quais podem ser adultas* (como ocorre nas relações pressupostas nas cantigas de ninar, a narração de contos etc.) *ou imaturas* (como sucede nas relações inerentes aos folguedos folclóricos); outros se evidenciam nas categorias de pensamento (símbolos), por meio dos quais a criança percebe, explica e interage com o mundo exterior (FERNANDES, 2004, p. 14, grifos nossos).

Essa assertiva é um dos eixos fundamentais para a consideração da formação dos grupos infantis de maior permanência – denominados por Florestan Fernandes como “trocinhas” – que, de acordo com o sociólogo brasileiro:

Os folguedos tradicionais dão origem: 1) a grupos estáveis e 2) a grupos efêmeros. O segundo caso refere-se a grupos formados ocasionalmente, num convéscoite ou numa festa, estando antes em função da vontade dos adultos que da criança, quanto à sua duração.

As “trocinhas”, todavia, entram no primeiro caso. Têm uma certa duração e geralmente sobrevivem aos membros que deixam de brincar no mesmo grupo vicinal (FERNANDES, 2004, p. 208).

A formação das trocinhas possibilita a construção de uma cultura infantil, um modo de produção e reprodução simbólico próprio das crianças. Florestan Fernandes define que a cultura infantil é criada no interior das trocinhas – pelas crianças que nela convivem e brincam – mas numa relação direta com os elementos culturais oriundos do mundo adulto. Nas palavras do autor: “existe uma cultura infantil – uma cultura constituída de elementos culturais quase exclusivos dos imaturos e caracterizados por sua natureza lúdica atual” (FERNANDES, 2004, p. 215). O autor ainda reflete que essa cultura das crianças é produzida a partir da inserção de “[...] elementos da cultura adulta, incorporados à infantil por um processo de aceitação e nela mantidos com o correr do tempo”(p. 215). Acrescenta ainda a competência das crianças dentro desse processo de construção cultural. Em seus dizeres: “Mas há outros elementos na cultura infantil. Nem tudo corresponde a coisas relativas ou provenientes da cultura dos adultos. Os próprios imaturos também elaboram, é óbvio, parte dos elementos de seu patrimônio cultural” (FERNANDES, 2004, p. 216).

Neves (2010) postula que a convivência grupal das crianças, isto é, em pares, é frisada em várias passagens do texto de Florestan sendo um aspecto fundamental na socialização dos pequenos. Segundo a autora (2010, p. 18):

Florestan Fernandes ressalta, em várias passagens do seu trabalho, a importância da convivência com os pares na socialização das crianças, uma vez que possibilita a inserção do indivíduo em seu meio com a assimilação e permanente re-construção da cultura. Concluindo seu

estudo sobre as “trocinhas”, esse autor percebe uma grande aproximação entre o folclore infantil brasileiro e composições ibéricas, principalmente no que tange às brincadeiras e cantigas de roda, aproximação que não foi constatada em relação ao folclore indígena ou africano, provavelmente pelo assujeitamento promovido pela colonização portuguesa. Assim, traços da cultura do adulto passaram para a cultura infantil e sua permanência deveu-se aos grupos infantis, que garantiram, ao mesmo tempo, sua transformação e continuidade de geração a geração.

Mais do que isso, a autora ainda defende que, conforme apresentado acima, as crianças contribuíam, a partir das suas formas próprias de produção e significação simbólica, para a produção e reprodução sociocultural da cidade de São Paulo da década de quarenta.

Esses são apenas alguns dos aspectos que aproximam Florestan Fernandes dos estudos sociológicos contemporâneos da infância, embora tenham que ser resguardadas as diferenças históricas e geográficas que separam o sociólogo brasileiro de Willian Corsaro e os demais sociólogos contemporâneos da infância. Essas diferenças serão tratadas mais detalhadamente a seguir.

DIFERENÇAS E SIMILITUDES NA PRODUÇÃO SOCIOLÓGICA SOBRE INFÂNCIA DE WILLIAN CORSARO E FLORESTAN FERNANDES

A primeira questão tratada aqui diz respeito à abordagem metodológica de ambos os autores. Tanto Florestan Fernandes quanto William Corsaro partem do pressuposto de que, para se compreender as experiências infantis em si mesmas, o método etnográfico se mostra mais adequado para a captação/compreensão do ponto de vista das crianças. No caso de Florestan, seu estudo consiste, do ponto de vista metodológico, em “[...] uma etnografia realizada junto às crianças residentes em bairros operários da cidade de São Paulo em suas brincadeiras de rua, denominadas, segundo o autor, pelas próprias crianças de “trocinhas” (ARENHART, 2010, p. 34). Delgado (2011) enfatiza que o autor conseguiu captar a potencialidade dos grupos infantis a partir de uma investigação pautada na observação espaçada dos grupos de crianças. Segundo ela (2011, p. 193):

Fernandes (1961) analisou, com uma inovadora abordagem metodológica, as chamadas “trocinhas”, grupos de crianças de bairros populares da cidade de São Paulo – que se reuniam, na rua, para brincar. O autor coletou os dados somente por meio de uma observação direta e prolongada, tendo como objetivo uma descrição fiel das ocorrências e observar como as cantigas de roda, os jogos, os folguedos e brincadeiras são elementos constitutivos do folclore infantil.

Do ponto de vista metodológico, Florestan apresenta certa consonância com os pressupostos teórico metodológicos da sociologia da infância. O próprio Corsaro (2011) defende que no caso dos estudos interpretativos a etnografia é um método eficaz para o estudo das crianças contemporâneas, uma vez que suas interações e culturas são produzidas no presente que não são percebidos pelo pesquisador por meio de entrevistas ou questionários. Segundo o autor (2011, p. 63),

A etnografia geralmente envolve um trabalho de campo prolongado no qual o pesquisador obtém acesso a um grupo e realiza observação intensa durante meses ou anos. O valor da observação prolongada está em o etnógrafo descobrir como é a vida cotidiana para os membros do grupo – suas configurações físicas e institucionais, suas rotinas diárias, suas crenças e seus valores e a linguística e outros sistemas semióticos que medeiam essas atividades e contextos.

Outro ponto de convergência entre o sociólogo brasileiro e o campo da sociologia da infância reside no fato de que há uma proximidade entre as trocinhas e os grupos de pares. As “trocinhas” são concebidas por Florestan como “[...] agrupamentos estáveis e organizados de imaturos [...] que, como grupos sociais que são, sobrepõem-se aos indivíduos que os constituem, refazendo-se continuamente no tempo” (FERNANDES, 2004, p. 246). Sarmiento e Barra (2002) concebem como pares de uma criança o grupo de iguais (parceiros, portanto, outras crianças) que compartilham habitualmente o mesmo espaço social. Para esses autores, a cultura de pares, entendida no sentido de Corsaro como o conjunto de produções simbólicas que as crianças criam nas interações intergeracionais, é fundamental para a criança, pois, permite-lhe adaptar, interpretar, reinventar e reproduzir o mundo que as circunda.

Do mesmo modo, existe uma forte aproximação entre os conceitos de cultura infantil, culturas da infância e reprodução interpretativa. Para Florestan,

a cultura infantil é construída na relação das crianças com a cultura adulta e nas interações das crianças, o que denota a ideia de que as crianças são ativas dentro desse processo de produção simbólica. Nos dizeres do autor, alguns elementos constitutivos da cultura infantil são provenientes da cultura adulta, outros, originam-se nas interações de pares:

Alguns desses elementos foram, mesmo, estruturados sobre moldes fornecidos pela vida interativa da “gente grande”. Essas criações, todavia, se institucionalizaram, posteriormente, podendo ser aprendidas nos grupos infantis, como acontece com os elementos aceitos da cultura do adulto. Tornaram-se, por sua vez, traços folclóricos, coisa cristalizada e tradicional. O papel da criança consiste em recebê-los e em executá-los: e as modificações são, como todas as outras do domínio do tradicional, lentas e inconscientes (FERNANDES, 2004, p. 216).

No caso do conceito corsariano da reprodução interpretativa, as crianças ativamente buscam apropriarem-se de informações da cultura adulta com o objetivo de atender aos seus interesses próprios enquanto crianças (CORSARO, 2011). Já no que concerne ao termo culturas da infância, Sarmiento e Pinto (1997, p. 20) postulam a ideia de que considerar meninos e meninas como atores sociais de plenos direitos, implica no reconhecimento da “[...] capacidade de produção simbólica por parte das crianças e a constituição das suas representações e crenças em sistemas organizados, isto é, em culturas”. Os autores advogam que as culturas da infância desenvolvem-se nas interações entre crianças (relações intrageracionais) e em relação direta com o mundo adulto (relações intergeracionais). Desse ponto de vista, em todos os três conceitos (de cultura infantil de Florestan, de reprodução interpretativa de Corsaro e o de culturas da infância de Sarmiento e Pinto) as crianças são consideradas sujeitos ativos dentro do processo de construção/reconstrução cultural.

Em ambos os estudos, a concepção de criança que norteia a pesquisa parte do pressuposto de que as crianças são atores envolvidos ativamente na complexidade da trama social. Embora use no decorrer do texto a expressão “imatuross”, Florestan, em sua análise sociológica do folclore infantil e das culturas da infância, admite de forma deliberada uma competência social por parte dos grupos sociais – as “trocinhas” das crianças pesquisadas. Do mesmo modo, Corsaro e outros(as) sociólogos(as) da infância compreendem as crianças como sujeitos criativos e competentes.

Estas são apenas algumas semelhanças entre as análises de Florestan Fernandes e os pressupostos da sociologia da infância. Existem outras, porém, neste ensaio, são apresentadas as que o pesquisador considera mais visíveis ao leitor que se interessa em aprofundar as convergências entre o pioneiro dos estudos da infância brasileiro e o já consolidado campo de estudos sociológicos da infância. Passemos então às diferenças.

A diferença mais notável entre os estudos de Florestan e Corsaro são de dimensões sociais e históricas. Florestan pesquisa as crianças brasileiras de um bairro operário – o bairro do Bom Retiro – e suas adjacências, fortemente afetado pela imigração europeia – com toda a sua diversidade e toda a sua aversão à pobreza. O autor tem a rua como campo empírico de pesquisa (que na década de 40 também era tida como espaço de socialização infantil na cidade de São Paulo). Já Willian Corsaro desenvolve grande parte dos estudos nos Estados Unidos e Itália, tendo como campo empírico as instituições de educação infantil – que já na década de 1990 se configuram como espaços de socialização por excelência das crianças pequenas.

Além disso, outra diferença entre esses dois autores é de ordem epistemológica. Florestan chega à percepção, análise e consideração das culturas infantis a partir de um estudo sobre as eventuais mudanças no folclore paulistano. Nesse sentido, não parte inicialmente ao estudo das formas de produção cultural das crianças, mas sim da transformação folclórica dos costumes da população paulistana, fortemente afetada pelo fenômeno da migração na década de 1940. Nesse período, conforme sugere Arenhart (2010, p. 40), “[...] não havia acúmulo de discussões em torno da infância [...]” e que, portanto, “[...] dá para se compreender porque Florestan não leva a par uma discussão teórico-metodológica aprofundada acerca da observação das próprias crianças em seus mundos sociais”.

Já Corsaro, busca compreender em suas primeiras pesquisas com crianças, a aquisição da linguagem por parte dos pequenos, refutando as teorias comportamentalistas de desenvolvimento e aprendizagem das crianças, as quais, para ele, “[...] sempre foram simplistas e subestimaram as ações das crianças”, conforme enfatiza Müller (2005, p. 272). Esse fato conduz Willian Corsaro a entrar no debate teórico metodológico de consolidação das bases epistemológicas do campo da sociologia da infância, enquanto

Florestan Fernandes, em início de carreira acadêmica, apresenta seu trabalho sobre a cultura infantil, que embora não tivesse prosseguimento ou maiores desdobramentos, mostra de imediato a gênese de sua militância política, isto é, o interesse do autor em trabalhar sociologicamente com os grupos marginalizados da sociedade brasileira de sua época, conforme sugere Arenhart (2010, p. 38):

Mesmo que, no período em que desenvolve o estudo das “trocinhas”, Florestan ainda não fosse engajado na militância política, tanto o trabalho das “trocinhas” como o estudo realizado junto aos Tupinambás, no qual constrói uma rigorosa reflexão sobre o preconceito racial no país, já revelava seu compromisso em destacar temas até então marginalizados pela sociologia brasileira, porque vinculados aos grupos dos dominados.

Do ponto de vista das aproximações e dos distanciamentos entre a obra de Florestan Fernandes escrita no fim do primeiro quadrante do século passado e entre os pressupostos teórico-metodológico do campo da sociologia da infância, que se consolida acerca de cinquenta anos depois, urge então, a guisa de conclusão, um questionamento: em que medida essa tentativa de interlocução entre os autores pode contribuir para a compreensão das infâncias contemporâneas?

COMO OS AUTORES AUXILIAM NA COMPREENSÃO DAS INFÂNCIAS CONTEMPORÂNEAS? – BUSCANDO UMA INTERLOCUÇÃO

É por meio da inserção no campo do debate sociológico, apresentada como pano de fundo das análises apresentadas neste texto, que a criança e a infância na contemporaneidade interrogam a pedagogia e o campo da educação, para parafrasear Miguel Arroyo (2008).

Retomemos então o estudo de Martins Filho (2011) que abre a seção introdutória deste ensaio. Partindo do pressuposto de que a maioria dos trabalhos apresentados na ANPEd versam sobre pesquisas realizadas em ambientes institucionais, isto é, instituições de educação infantil, os estudos interpretativos da infância tornam-se instrumentos reflexivos não só para pesquisadores, mas também para os profissionais da área, pois, conforme sugere Barbosa (2009, p. 178) os estudos de Willian Corsaro: “[...] também abrem

possibilidades para a reflexão sobre o trabalho pedagógico das escolas infantis, afinal, seu contexto prioritário de pesquisa foram estes espaços educacionais”.

Mas é preciso pensar que esse levantamento foi realizado na ANPED, que se ocupa em reunir os estudos e pesquisas realizados no campo da educação. Pode-se também considerar que é preciso se ater a outros espaços de concentração de trabalhos científicos de outras áreas do conhecimento como na sociologia, antropologia, psicologia, etc. para melhor conseguirmos visualizar essa produção em âmbito nacional.

É preciso também se reportar a Florestan Fernandes, que desenvolve um estudo com crianças que brincavam livremente pelas ruas dos bairros de São Paulo. Naquele momento, a rua se configurava como um espaço de socialização infantil diferentemente dos dias atuais, pelo menos para algumas crianças e algumas infâncias. De acordo com Müller, Carvalho e Sampaio (2009, p. 198), “[...] de fato, em nosso mundo urbano, onde mais existem coletivos de crianças? Talvez na rua, em bairros de periferia e favelas, como exemplificado por Magalhães, Souza e Carvalho (2003), ao relatarem as brincadeiras de ‘pira’ (perseguição) em uma periferia de Belém, Pará”.

Nesse sentido, a aproximação entre os autores permite-nos problematizar: quais os espaços de sociabilidade das crianças inseridas nas múltiplas realidades dos centros urbanos? E das crianças de meio rural? Das crianças em assentamentos sem terra e outros movimentos sociais? Das crianças de outras etnias? Enfim, quais os espaços de socialização das inúmeras crianças e as inúmeras infâncias presentes no contexto diverso e desigual de nosso País?

Penso que um primeiro exercício de inflexão no campo já vem sendo realizado: o esforço intelectual que vem sendo construído no sentido de nos aproximarmos cada vez mais das inúmeras infâncias brasileiras. Arroyo (2008, p. 131) nos ajuda a refletir sobre tais questões ao indagar que “diante do reconhecimento de infâncias nos confrontamos com algumas questões: como os estudos interpretam essa diversidade? Como essas interpretações interrogam o pensamento pedagógico”?

Willian Corsaro e Florestan Fernandes tratam especificamente de conceitos que se não são próximos se apresentam de modo muito parecido. Mais do que isso, é possível perceber que uma aproximação conceitual entre os autores adensaria as análises e as dimensões teóricas e conceituais das pesquisas,

assim como sugere Neves (2010), para quem o conceito de cultura de pares aproxima-se do conceito de cultura infantil proposto por Florestan Fernandes (2004), uma vez que ambos os autores consideram que as crianças produzem uma cultura própria partindo de elementos da cultura adulta.

Mais ainda, a aproximação entre esses traz inúmeros contributos para o campo de investigação científica que busca a interlocução das crianças. Demonstra como elas estão engajadas na complexidade e na dinamicidade da trama social. Evidencia que as crianças não são seres passivos dentro do processo de socialização, pelo contrário, são ativamente criativos e interativos, buscando não apenas reproduzir aspectos da cultura adulta, mas também contribuir para a reconstrução cultural. Evidencia que muito ainda temos para aprender com o ponto de vista das crianças sobre o mundo que as cerca, sobre seus anseios, sobre seus desejos e sobre os modos de vida delas. Ilustra que paulatinamente estamos superando a marginalização desses(as) pequenos(as) atores(as) sociais nas análises sociológicas realizadas na contemporaneidade. Que o estudo sociológico das crianças nos leva a estabelecer uma compreensão mais profunda acerca da sociedade pelo ponto de vista dos(as) pequenos(as).

Por fim, é preciso refletir sobre o fato de que pensar na proximidade – dentro dos estudos e pesquisas com crianças realizadas no contexto brasileiro – de Florestan Fernandes com os pressupostos da sociologia da infância, em especial com a teoria de William Corsaro, sugere não só a emergência da sociologia da infância no Brasil, mas a certeza de que se este campo não está plenamente consolidado, está em vias de se concretizar.

NOTAS

1. O conceito a que Sarmiento se refere está presente no livro intitulado “The sociology of childhood” (1997). A segunda edição de “A sociologia da infância” foi recentemente, traduzida para o português, conforme se pode verificar nas referências bibliográficas deste texto.
2. Embora muitos desses(as) autores(as) tenham apontado esse trabalho de Florestan Fernandes como a gênese dos estudos da sociologia da infância no Brasil, poucos se comprometeram em discorrer sobre a questão. Quando o fazem, a tarefa se dá em meio a textos de outras ordens, se restringindo a breves parágrafos sem muito explicitar as ideias. Nesse sentido, a empreitada desse texto se justifica pela insuficiência do campo em mostrar as reais potencialidades e congruências dos conceitos presentes na obra desse sociólogo brasileiro com os apontamentos teórico-metodológicos do emergente campo da sociologia da infância.
3. A ampliação dos contextos sociais da criança subentende a sua inserção em outras instituições

- sociais como, por exemplo, a transferência do meio familiar para um contexto educacional institucionalizado (CORSARO, 2002, p. 114).
4. Grifos nossos.
 5. Para Geertz, a cultura é concebida como uma complexa teia de significados que amarra o homem às suas próprias produções. Em seus dizeres: “O conceito de cultura que eu defendo, e cuja utilidade os ensaios abaixo tentam demonstrar, é essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado (GEERTZ, 2008, p. 4).
 6. Ou seja, após, sua graduação (bacharelado e licenciatura) em Ciências Sociais pela USP, conforme sugere Vladimir Sacchetta em levantamento realizado e atualizado em dezembro de 1995 e publicado na revista Estudos Avançados, volume 26, número 10, de 1996.
 7. Arenhart (2010) faz uma interessante consideração acerca do uso desse termo. Segundo ela: “É sempre importante lembrar que a obra de Florestan Fernandes deve ser lida e entendida sem perder de vista o tempo histórico em que a mesma foi produzida. A partir dessa consideração, é possível que se compreenda, por exemplo, o uso do termo ‘imaturo’ usado pelo autor recorridas vezes no texto para se referir as crianças. O emprego desse termo, atualmente, seria duramente questionado pelos estudiosos da infância, uma vez que vêm carregado de uma representação sobre a infância construída pela negatividade. Por isso, muitos prefixos de negação se vinculam aos adjetivos infantis: como imaturo, imoral, irracional, incompleto e infante: aquele que não fala!” (ARENHART, 2010, p. 42).

REFERÊNCIAS

- ARENHART, D. Contribuições de Florestan Fernandes ao estudo das culturas infantis. **Revista Sociologia da Educação - Revista Luso-Brasileira**, v. 2, p. 32-53, 2010.
- ARIÈS. Philippe. **História social da infância e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- ARROYO, M. a infância interroga a pedagogia. In: SARMENTO, M. J.; GOUVEA, M. C. S. (orgs.). **Estudos da infância: educação e práticas sociais** – Petrópolis: Vozes, 2008. p. 119 - 140.
- BARBOSA, M. C. S. Como a sociologia da infância de William A. Corsaro pode contribuir para as pedagogias da educação infantil. MÜLLER, F.; CARVALHO, A. M. A. (Org.). **Teoria e prática na pesquisa com crianças: diálogos com William A. Corsaro**. São Paulo, SP, 2009, p. 177-188.
- BARRA, M.; SARMENTO, M. Os saberes das crianças e as interações na

Rede. **Centro de Estudos da Criança** (Mímeo). Universidade do Minho: Braga, 2002. p. 1-22. Disponível em: <[http://www.iec.minho.pt/cedic/textos de trabalho](http://www.iec.minho.pt/cedic/textos_de_trabalho)>. Acesso em: 10 de maio de 2010.

CARVALHO, A. M. A.; MÜLLER, F.; SAMPAIO, S. M. R. Sociologia da infância, psicologia do desenvolvimento e educação infantil: diálogos necessários. MÜLLER, F.; CARVALHO, A. M. A. (Orgs.). **Teoria e prática na pesquisa com crianças**: Diálogos com Willian Corsaro. São Paulo: Cortez, 2009; p. 189 – 204.

CORSARO, W. A. A Reprodução Interpretativa no Brincar ao “Faz de Conta” das Crianças. **Educação Sociedade & Culturas**, Porto, n. 17, p.113-134, 2002.

CORSARO, W. A. Reprodução Interpretativa e Cultura de Pares. MÜLLER, F.; CARVALHO, A. M. A. (Orgs.). **Teoria e prática na pesquisa com crianças**: Diálogos com Willian Corsaro. São Paulo: Cortez, 2009; p. 31-50.

CORSARO, W. A. **Sociologia da Infância**. São Paulo: Artmed, 2011.

DELGADO, A. C. C. Estudos socioantropológicos da infância no Brasil: caminhos, problematizações e diálogos. MARTINS FILHO, A. J. e PRADO, P. D. (orgs.). **Das pesquisas com crianças à complexidade da infância**. Campinas: Autores Associados, 2011.

FARIA, A. L. G. Pequena infância, educação e gênero: subsídios para um estado da arte. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 26, 2006.

FARIA, A. L. G. Um estadudinense na Itália. MÜLLER, F.; CARVALHO, A. M. A. (Orgs.). **Teoria e prática na pesquisa com crianças**: Diálogos com Willian Corsaro. São Paulo: Cortez, 2009; p. 171 – 176.

FERNANDES, F. **Folclore e mudança social na cidade de São Paulo**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004. (Raízes). 494p.

GARCIA, S. G. Folclore e sociologia em Florestan Fernandes. **Tempo Social: Rev. Sociol.** USP, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 143-167, nov. 2001.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**- l. ed., 13ª reimpressão. - Rio de Janeiro: LTC, 2008.

MARTINS FILHO, A. J.; PRADO, P. D. (Orgs.). **Das pesquisas com crianças à complexidade da infância**. Campinas: Autores Associados, 2011.

MARTINS FILHO, Altino José . Jeitos de ser criança: balanço de uma década de pesquisas com crianças apresentadas na ANPEd. MARTINS FILHO, A. J. e PRADO, P. D. (orgs.). **Das pesquisas com crianças à complexidade da infância**. Campinas: Autores Associados, 2011. p. 81 – 106.

MOLLO-BOUVIER, S. Transformação dos modos de socialização das crianças: uma abordagem sociológica. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 91, 2005, p. 391-403.

MONTANDON, C. Sociologia da infância: balanço dos trabalhos em língua inglesa. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo: Fundação Carlos Chagas, n. 112, p. 33-60, mar. 2001.

MÜLLER, F. Entrevista com William Corsaro. **Educação e Sociedade**, v. 28, p. 271-278, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 03 mar. 2012.

MÜLLER, F.; CARVALHO, A. M. A. (Orgs.). **Teoria e prática na pesquisa com crianças**: Diálogos com Willian Corsaro. São Paulo: Cortez, 2009.

NEVES, V. A. F. **Tensões contemporâneas no processo de passagem da educação infantil para o ensino fundamental**: um estudo de caso. 2010. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, 2010.

PEDROSA, M. I.; SANTOS, M. F. Aprofundando reprodução interpretativa e cultura de pares em diálogo com Corsaro. MÜLLER, F.; CARVALHO, A. M. A. (Orgs.). **Teoria e prática na pesquisa com crianças**: Diálogos com Willian Corsaro. São Paulo: Cortez, 2009; p. 51 – 58.

QUINTEIRO, J. Sobre a emergência de uma sociologia da infância: contribuições para o debate. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 20, n. esp., p. 137-162, jul./dez. 2002b.

SARMENTO, M. J. Gerações e alteridade: interrogação a partir da sociologia da infância. In: **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 91, p. 361-378, maio/ago. 2005.

SARMENTO, M. J. Sociologia da Infância: correntes e confluências. SARMENTO, M. J.; GOUVEA, M. C. S. (orgs.). **Estudos da infância: educação e práticas sociais** – Petrópolis: Vozes, 2008. p. 17-39.

SARMENTO, M. J.; GOUVEA, M. C. S. (Orgs.). **Estudos da infância: educação e práticas sociais**. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 17 - 140.

SARMENTO, M. J.; PINTO, M. As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo. _____. **As crianças, contextos e identidades**. Braga: Portugal. Universidade do Minho. Centro de Estudos da Criança. Ed. Bezerra, 1997.

SIROTA, R. Emergência de uma Sociologia da Infância: Evolução do objeto e do olhar. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, Fundação Carlos Chagas, n. 112, p. 7-31, mar. 2001.